

## **Ser portador de HIV/AIDS é ser homossexual masculino? O pré-construído nos processos de significação**

### **To carry the HIV/AIDS virus is to be a male homosexual? The preconstructed in the meaning processes**

Gedeon Eloeno Rodrigues Messa<sup>1</sup>  
Luciana Iost Vinhas<sup>2</sup>

#### **Resumo**

*Com base na Análise do Discurso de Michel Pêcheux, o presente estudo analisa o funcionamento de pré-construído relacionado ao sujeito portador do vírus HIV em discurso sobre HIV/Aids. As condições de produção do discurso estão vinculadas ao campo discursivo midiático em que a materialidade discursiva é um comentário em uma notícia sobre HIV/Aids veiculada em um site. Considerando-se a história do HIV/Aids e os efeitos provocados por uma identificação com uma formação discursiva conservadora, a análise permitiu observar a emergência de um pré-construído sobre o portador do vírus como sendo o homossexual masculino, imaginariamente compreendido como irresponsável, promíscuo.*

**Palavras-chave:** HIV/Aids. Análise de Discurso. Pré-construído

#### **Abstract**

*Based on the Discourse Analysis developed by Michel Pêcheux, the present study examines the preconstructed related to the subject who carries the HIV virus in a discourse about HIV/Aids. The discourse production conditions are linked to the media discursive field, in which the discursive materiality is a comment on a news story about HIV/Aids published on a news website. Considering the history of the HIV/Aids and the interpellation of a conservative discursive formation, the analysis allowed the observation of the emergence of a preconstructed about the person who carries the virus as being a male homosexual, who is represented as irresponsible, promiscuous.*

**Keywords:** HIV/Aids. Discourse Analysis. Preconstructed

**Recebido em:** 02/01/2021.

**Aceito em:** 25/02/2021.

#### **Introdução**

É possível afirmar que os sentidos que circulam no que concerne ao HIV/Aids situam-se, prioritariamente, no campo discursivo do discurso midiático, endossados pelo discurso médico-científico referente às infecções sexualmente transmissíveis (IST). A doença, que é considerada sem cura, foi estigmatizada pelo discurso médico-científico por se constatar, na época de seu surgimento, que as ocorrências de infecção pelo vírus

<sup>1</sup> Universidade Federal de Pelotas. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6685-5525>.

<sup>2</sup> Universidade Federal de Pelotas. ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-1026-2277>.

incidiam potencialmente em homossexuais masculinos. Coaduna-se a esse fato a circulação do estigma do discurso religioso, uma vez que “a relação entre estar contaminado e ser homossexual (ou promíscuo, pervertido, etc.) era (ainda é) o discurso religioso-cristão por excelência em relação ao contágio do *Human Immunodeficiency Virus* (HIV)” (SOARES, 2019 p. 22 [grifos do autor])<sup>3</sup>. Por conseguinte, é possível ter um amplo conhecimento da referida doença por meio da mídia que reporta(va) as informações sobre o assunto. No auge da epidemia, a doença, que não tinha um tratamento adequado, foi vista como o mal do século. As pessoas diagnosticadas com HIV/Aids logo vinham à óbito, geralmente apresentando aspectos físicos deformantes da fisiologia humana.

Assim, podemos definir que saberes oriundos de diferentes campos - religioso, médico-científico e midiático, principalmente - constituem as condições de produção amplas do discurso sobre o HIV/Aids, elaborando redes de memória que afetam o imaginário sobre o portador do vírus. Essas redes de memória, constituídas a partir do surgimento da doença, modificaram-se com o passar do tempo e com as pesquisas desenvolvidas sobre essa IST; contudo, alguns saberes referentes à doença e ao portador da doença se mantêm presentes como um saber que “todo mundo sabe” atualizado por essas redes de memória.

Ao longo dos anos, a área da medicina, reportada pela mídia, tem esclarecido que HIV/Aids não é mais uma doença específica dos homossexuais, tampouco sinônimo de morte; ao contrário, tem-se, hoje, à disposição, as informações de que o HIV/Aids não pertence a um grupo específico de indivíduos e de que um portador do vírus, em adequado tratamento, pode não morrer mais de Aids dada a eficácia dos medicamentos. Assim esclarece a página da Unids Brasil (2014):

Até o momento, não há previsões para uma cura. A terapia antirretroviral (ART), no entanto, pode prolongar significativamente a vida de muitas pessoas infectadas pelo HIV e diminuir as chances de transmissão da doença. É importante que as pessoas façam o teste de HIV e saibam desde cedo que estão infectadas para que os cuidados médicos e o tratamento tenham maior efeito.

Tem-se notado a luta da comunidade científica para desmistificar a concepção de que Aids é sinônimo de morte e de que contrair HIV não é uma condição apenas de homossexuais masculinos. Na verdade, o contágio da doença pode ocorrer por toda e qualquer pessoa que estabeleça um comportamento de risco<sup>4</sup>, conforme informa o sítio do Departamento de Vigilância, Prevenção e Controle das IST, do HIV/Aids e das Hepatites Virais do Ministério da Saúde<sup>5</sup> sobre as formas de contágio. Segundo o site, assim se pega a doença: sexo vaginal sem camisinha; sexo anal sem camisinha; sexo oral sem camisinha; uso de seringa por mais de uma pessoa; transfusão de sangue contaminado; da mãe infectada

<sup>3</sup> No que concerne à reprodução de estereótipos advindos do discurso religioso, sugerimos a leitura de Gatti e Mendonça (2018).

<sup>4</sup> A problematização da designação “comportamento de risco”, empregada pelo Ministério da Saúde, não é um objetivo deste trabalho, apesar de ela apontar para uma responsabilização exclusiva do sujeito pelo contágio da doença. Importante enfatizar que, quando do surgimento da doença e do desconhecimento sobre suas causas, usava-se a designação “grupo de risco”, principal motivo para a construção do imaginário relacionado ao portador do HIV como sendo os homossexuais masculinos. Os grupos de risco eram: haitianos, hemofílicos, homossexuais masculinos e heroínômanos (usuários da heroína injetável).

<sup>5</sup> Em 17 de maio de 2019, no governo do Presidente Jair Bolsonaro, o Departamento de Vigilância, Prevenção e Controle das IST, do HIV/Aids e das Hepatites Virais passou a se chamar “Departamento de Doenças de Condições Crônicas e Infecções Sexualmente Transmissíveis”, conforme publicação do Decreto Nº 9.795 no Diário Oficial.

para seu filho durante a gravidez, no parto e na amamentação; através de instrumentos que furam ou cortam não esterilizados. Não se pega a doença nas seguintes situações: sexo desde que se use corretamente a camisinha; masturbação a dois; beijo no rosto ou na boca; suor e lágrima; picada de inseto; aperto de mão ou abraço; sabonete/toalha/lençóis; talheres/copos; assento de ônibus; piscina; banheiro; doação de sangue; pelo ar. Isso significa que a literatura de acesso público sobre o assunto em nenhum momento especifica um grupo exclusivo como sendo o potencialmente favorável em se contaminar com o vírus, caso haja alguma exposição.

Considerando os elementos supracitados referentes à circulação dos discursos sobre o HIV/Aids, o presente estudo tem o objetivo geral de refletir acerca de discursos que atravessam a memória de sujeitos interpelados por uma ideologia dominante vinculada a saberes que subjagam, ao mesmo tempo, o sujeito homossexual e o portador do vírus, posto que esses saberes relacionam, de forma inequívoca, o portador do vírus à homossexualidade masculina, significada como uma prática somente sexual (e não afetiva, por exemplo) promíscua e perversa. A necessidade de se produzir conhecimento sobre esse tema se baseia na contradição entre o excesso de informação sobre a IST, e, ao mesmo tempo, uma repetibilidade de saberes aliados a um discurso estigmatizante em relação à doença, sobretudo ao se referir a ela como uma doença de homossexuais masculinos.

Para a realização da proposta, com embasamento teórico na Análise de Discurso Materialista, neste trabalho, procuramos analisar a forma como o portador do HIV/Aids é significado como sendo o homossexual masculino, remetendo, portanto, ao funcionamento do interdiscurso chamado de pré-construído. O *corpus* de análise é um comentário de um leitor produzido em uma notícia jornalística veiculada no site do G1 em alusão ao dia mundial de combate ao HIV/Aids, publicada no dia 1º de dezembro de 2018<sup>6</sup>.

O trabalho consiste em uma análise estruturada a partir da retomada da noção de pré-construído e das relações teóricas necessárias para a sua compreensão. Primeiramente, então, serão apresentados alguns elementos teóricos presentes na AD, para, em seguida, ser apresentado o enunciado que será objeto de descrição e interpretação.

## **O discurso sobre HIV/Aids**

A Análise de Discurso articula, em seu quadro epistemológico, o materialismo histórico, a linguística e a teoria do discurso, além de considerar a teoria da subjetividade da psicanálise como atravessando e articulando as três regiões anteriores (PÊCHEUX; FUCHS, 1990). O materialismo histórico contribui, fundamentalmente, com o papel da ideologia na determinação dos processos discursivos. Sobre esse conceito, trazemos a compreensão de Teixeira (1997, p. 71):

Invertendo as posições que viam na ideologia uma simples distorção do real, Althusser (1987, p. 81) a considera como o meio indispensável para a constituição de sujeitos humanos. Para ele, a ideologia não é primordialmente uma questão de “idéias”: é uma estrutura que se impõe a nós, sem necessariamente ter que passar pela consciência. Pode-se dizer que a perspectiva do autor coloca sua teoria na direção de uma

<sup>6</sup> Importante mencionar as teses de doutorado de Soares (2019) e de Radde (2019), importantes estudos que abordam, de diferentes maneiras, o HIV/Aids no âmbito da Análise de Discurso.

apreciação positiva da ideologia como algo no estado indeterminado de não ser verdadeiro, mas que é, no entanto, necessariamente vital.

A ideologia na Análise de Discurso, operando a partir da leitura althusseriana da obra de Marx, é entendida como o processo que coloca certos sentidos como evidentes e, portanto, os posiciona como dominantes em uma determinada formação social. Ao invés de ser uma ocultação, a ideologia é evidência - é aquilo de que o sujeito não consegue escapar no processo de interpelação ideológica, ou seja, quando da transformação do indivíduo em sujeito na sua entrada no simbólico. Nesse contexto, Pêcheux e Fuchs (1990, p. 165) compreendem a *interpelação* como “a modalidade particular do funcionamento da instância ideológica quanto à reprodução das relações de produção”, isto é, há o assujeitamento do sujeito em sujeito ideológico. O funcionamento da ideologia age no posicionamento de saberes como dominantes, cuja rede de memória os vincula, à sua revelia, *àquilo que todo mundo sabe*, ou seja, *àquilo designado por Michel Pêcheux e por Paul Henry como pré-construído*<sup>7</sup>.

Nossa teorização tenta resgatar elementos que discutam sobre o repetível que se naturaliza e se cristaliza na memória social (INDURSKY, 2011), para compreender como a significação do sujeito homossexual ainda pode/(deve) ser vinculada a saberes da ordem do pervertido, do promíscuo, daquele que busca satisfazer seus desejos a qualquer custo. Assim, parece existir uma posição a partir da qual são resgatados esses saberes, e essa posição faz referência a uma posição política, ideológica e de classe, ou seja, a uma formação discursiva (HAROCHE; PÉCHEUX; HENRY, [1971] 2007).

Desse modo, ao significar o mundo, o indivíduo interpelado em sujeito se posiciona ideologicamente, isto é, ele ocupa um lugar na luta de classes, não lhe sendo um processo consciente. É compreendendo que a ocupação de um lugar pelo sujeito em vista das classes sociais antagônicas dos modos de produção, corroborando para o entendimento do processo de interpelação, que Henry (1990, p. 30, grifos do autor) diz o seguinte:

É enquanto sujeito que qualquer pessoa é ‘interpelada’ a ocupar um lugar determinado no sistema de produção. Em um texto publicado mais tarde, ao qual Pêcheux refere-se com frequência, Althusser escreve: “Como todas as evidências, incluindo aquela segundo a qual uma palavra ‘designa uma coisa’ ou ‘possuía uma significação’, ou seja, incluindo a evidência de que eu e você somos sujeitos – e que este fato não constitui nenhum problema – é um efeito ideológico, o efeito ideológico elementar”. Por que elementar? O que este termo quer dizer? Quer dizer precisamente que tal “efeito” não é a consequência de alguma coisa. Nada se torna sujeito, mas aquele que é “chamado” é sempre já-sujeito. Mais precisamente, Althusser escreve: “A ideologia não existe senão por e para os sujeitos”; e ele acrescenta que não existe prática senão sob uma ideologia. Em outras palavras, todo sujeito humano, isto é, social, só pode ser agente de uma prática social enquanto sujeito.

Conforme já adiantado, a formação discursiva é elemento fundamental para garantir a eficácia do processo de interpelação ideológica. Esse processo é de

<sup>7</sup> Mالدیدیر (2003, p. 36 [grifos da autora]), ao tratar sobre o surgimento da noção de pré-construído no seio dos estudos discursivos, faz referência ao diálogo entre Pêcheux e Henry: “uma noite, ao sair do seminário de Culioli, na esquina da rua de Feuillantines e Saint Jacques, no fogo da discussão, Michel Pêcheux propõe o termo pré-construído. A teoria do discurso acabava de receber um novo conceito: despojado de qualquer sentido lógico o *pré-construído* constitui a reformulação da pressuposição no novo terreno do *discurso*”.

interpelação/identificação, pois o indivíduo se torna sujeito, ou seja, se subjetiva, porque se identifica com formações discursivas. A identificação permite, através da língua, que o sujeito signifique o mundo, sendo dependente da interferência ideológica. Língua, discurso e ideologia possuem relação constitutiva para que exista subjetivação. O sentido não nasce no sujeito, mas é resgatado a partir da formação discursiva com a qual ele se identifica, localizada no complexo com dominante das formações discursivas, o interdiscurso. O interdiscurso reúne “todos os sentidos produzidos por vozes anônimas, mas já esquecidas” (INDURSKY, 2011, p. 86), e uma das formas materiais do interdiscurso é o pré-construído.

Examinando a Lógica de Frege a respeito das estruturas determinativas, Pêcheux ([1975] 1988, p. 99) traz o conceito de pré-construído como sendo algo que surge “para designar o que remete a uma construção anterior, exterior, mas sempre independente, em oposição ao que é ‘construído’ pelo enunciado. Trata-se, em suma, do efeito discursivo ligado ao encaixe sintático”. O exemplo trazido na obra de Pêcheux – *Aquele que salvou o mundo morrendo na cruz nunca existiu*. – elucida que a determinativa *que salvou o mundo morrendo na cruz*, articulada sintaticamente, estabelece como pré-construído o saber de que Jesus Cristo salvou o mundo morrendo na cruz, mesmo que a oração principal destaque a proposição de que ele nunca existiu. Assim, dizer que Jesus Cristo nunca existiu seria um enunciado possível de ser dito a partir de uma formação discursiva ateuista. No entanto, essa proposição entra em contradição com o dito na determinativa, posto que, pelo encaixe sintático, conclui-se que Jesus Cristo morreu na cruz, ou seja, ele existiu. A contradição (a emergência do absurdo) aponta para o funcionamento do pré-construído, entendido como um saber *que todo mundo sabe*, advindo de uma formação discursiva dominante, mas reproduzido como se fosse naturalizado, afetando o funcionamento das formações discursivas com as quais possui relação de antagonismo. Ora, dizer que Jesus Cristo morreu na cruz e que Jesus Cristo não existiu não é possível a partir da mesma formação discursiva. Por isso, então, que se trata de uma intrusão de um saber advindo de outra região do interdiscurso (de outra formação discursiva) para dizer aquilo que todo mundo sabe, e o sujeito não tem controle desse processo de determinação sobre aquilo que diz. Quanto a esse aspecto, encontramos respaldo nas teorizações do próprio Pêcheux ([1983] 1997, p. 314, grifos do autor), quando o autor diz:

uma FD não é um espaço estrutural fechado, pois é constitutivamente “invadida” por elementos que vêm de outro lugar (isto é, de outras FD) que se repetem nela, fornecendo-lhes suas evidências discursivas fundamentais (por exemplo sob a forma de “preconstruídos” e de “discursos transversos”).

O funcionamento do pré-construído está intimamente relacionado ao fenômeno sintático da relativa determinativa. Através dessa oração subordinada, é possível reconhecer o modo como o discurso intervém na língua, ou, em outras palavras, como o interdiscurso possui efeitos na maneira como a língua se organiza e encadeia os saberes reproduzidos através da sintaxe. O pré-construído, existente fora e independentemente, afeta o processo de interpelação ideológica como um saber hegemônico que “invade” as formações discursivas dominadas. É, portanto, o *impensado do pensamento*, pois ocorre quando “um elemento de um domínio irrompe num elemento do outro sob a forma do que chamamos ‘pré-construído’, isto é, como se esse elemento já se encontrasse aí” (PÊCHEUX, [1975] 2009, p. 99).

A ideia aqui é colocar em discussão que, para Pêcheux, o pré-construído é passível de observação no nível sintático das estruturas determinativas, algo que é anterior e exterior

de acesso ao conhecimento universal a todos, como será aprofundado a seguir.

Para Indursky (2011, p. 70), o pré-construído “é objeto de uma operação de apropriação que, através do encaixe sintático, estabelece correferência entre o que é apropriado e o encaixado no discurso do sujeito e o que aí já se encontrava formulado”: *Aquele que salvou o mundo morrendo na cruz* e *Aquele nunca existiu* possuem o mesmo referente, havendo uma correferência entre a oração encaixada - *Aquele que salvou o mundo morrendo na cruz* - e a oração principal, o que é apropriado e já se encontrava formulado - *Aquele nunca existiu*. Esse funcionamento, segundo a autora, produz “o efeito de que aquele pré-construído foi produzido ali, no discurso do sujeito” (INDURSKY, 2011, p. 70), por isso o pré-construído funciona como se tivesse origem no próprio sujeito (pela ação do esquecimento nº 1), encaixando naturalmente em seu dizer, porque *todo mundo sabe* que Jesus morreu na cruz (apesar de ser um enunciado possível de ser dito a partir da formação discursiva dominante cristã). Esse encaixe é feito de forma “automática”, como se sempre estivesse ali.

O efeito de pré-construído é produzido pelo funcionamento articulado entre as formações discursivas, tidas como recortes dos saberes que constituem o todo do interdiscurso, o complexo de formações discursivas existentes por relação de dominância e subordinação. O indivíduo se torna sujeito através do processo de interpelação ideológica, o mecanismo através do qual os Aparelhos de Estado regulam a identificação do sujeito com as formações discursivas. Sobre esse funcionamento, vale citar Pavan e Galvão (2019, p. 179): o pré-construído é o “elemento que torna possível a constituição/reprodução do efeito-sujeito, uma vez que a mobilização (não-sabida) de um saber do interdiscurso para o interior da formulação aponta para o processo de inscrição do sujeito em uma FD”. A reprodução do pré-construído pode estar associada à formação discursiva com a qual o sujeito se identifica; no entanto, pode acontecer de o pré-construído *invadir* a formação discursiva de identificação do sujeito, fazendo surgir, no eixo da formulação, a contradição constitutiva dos processos discursivos (como acontece, por exemplo, no exemplo citado no parágrafo anterior). O interessante é que esse processo de mobilização de saberes do interdiscurso se dá de forma *não-sabida*.

O Aparelho Ideológico de Estado se consolida como o lugar da reprodução (e transformação) das relações de produção, cuja base está na forma como a ideologia dominante chama os sujeitos a ocuparem determinados lugares na luta de classes. Nesse processo, o pré-construído possui um papel fundamental: ao emergir como o *impensado do pensamento*, ele pode promover a reprodução de discursos não vinculados à formação discursiva que subjetiva o sujeito, ou seja, por se naturalizar como um saber dominante, *que todo mundo sabe*, na formação social, o pré-construído tem livre passagem entre as formações discursivas que constituem o complexo do interdiscurso, infiltrando-se nas FD subordinadas como algo da ordem do inquestionável, reproduzido de forma indistinta a partir de diferentes posições na luta de classes. É por isso que a FD não é considerada como um bloco fechado, homogêneo, mas, na verdade, aberto à contradição e à interferência do discurso-outro.

No caso do exemplo trazido anteriormente, *Aquele que salvou o mundo morrendo na cruz nunca existiu*, o pré-construído age pela memória discursiva, ao *restabelecer os implícitos*, conforme explicitado no enunciado por Pêcheux (2007, p. 52, grifos do autor): “a memória discursiva seria aquilo que, face a um texto que surge como acontecimento a ler, vem restabelecer os “implícitos” (quer dizer, mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos-transversos, etc.) de que sua leitura necessita”. Quando, pelo

enunciado *Aquele que salvou o mundo morrendo na cruz nunca existiu* se resgata o referente *Jesus*, há um trabalho da memória discursiva, intimamente relacionado ao interdiscurso e à formação discursiva dominante, a partir da qual é possível reconstituir o referente. Esse trabalho permite o resgate do referente, ou seja, o restabelecimento daquilo que não está dito: foi Jesus (por óbvio!) que salvou o mundo morrendo na cruz. O efeito de pré-construído emerge da oração determinativa, sintaticamente encaixada à oração principal como um elemento subordinado (mas estabelecendo um sentido advindo de uma formação discursiva dominante).

Como diz Pêcheux ([1975] 1988, p. 157 [grifos do autor]),

se é verdade que a ideologia “recruta” os sujeitos entre os indivíduos (no sentido em que os militares são recrutados entre os civis) e que ela os recruta a *todos*, é preciso, então, compreender de que modo os “voluntários” são designados nesse recrutamento, isto é, no que nos diz respeito, de que modo todos os indivíduos *recebem como evidente* o sentido do que ouvem e dizem, lêem ou escrevem (do que eles *querem* e do que se *quer* lhes dizer), enquanto “sujeitos-falantes”.

Nosso objetivo, então, é fazer trabalhar isso a partir do chamado feito por Pêcheux, elaborando questões referentes aos saberes pré-construídos que emergem pelo resgate do referente “portador de HIV”<sup>8</sup>, conforme apresentado na notícia veiculada pelo G1.

Com base nos elementos teóricos aqui articulados, passamos à descrição e à interpretação do *corpus* sob análise. Como já foi mencionado anteriormente, o objeto de análise está situado no âmbito da esfera midiática, em que o comentário é proveniente da publicação de uma notícia sobre HIV/Aids em alusão ao dia 1º de dezembro, dia de combate mundial contra o HIV/Aids. O texto da notícia foi publicado no site do G1, no dia 1º de dezembro de 2018. Atualmente, muitas plataformas jornalísticas permitem a interação do público leitor nas publicações das matérias, permitindo que ele possa manifestar algum comentário em relação ao exposto.

A matéria intitulada “Mais de 9 milhões de pessoas no mundo portam HIV sem saber, diz OMS” gerou 12 comentários. A Figura 1 apresenta o título e o subtítulo da notícia.

<sup>8</sup> Fazemos a afirmação resgatando o título da notícia: “Mais de 9 milhões de pessoas no mundo **portam HIV** sem saber, diz OMS”. Disponível em: <https://g1.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/2018/12/01/mais-de-9-milhoes-de-pessoas-no-mundo-portam-hiv-sem-saber-diz-oms.ghtml>. Acesso em: 25 dez. 2019.

Figura 1: Print da notícia veiculada no site G1.



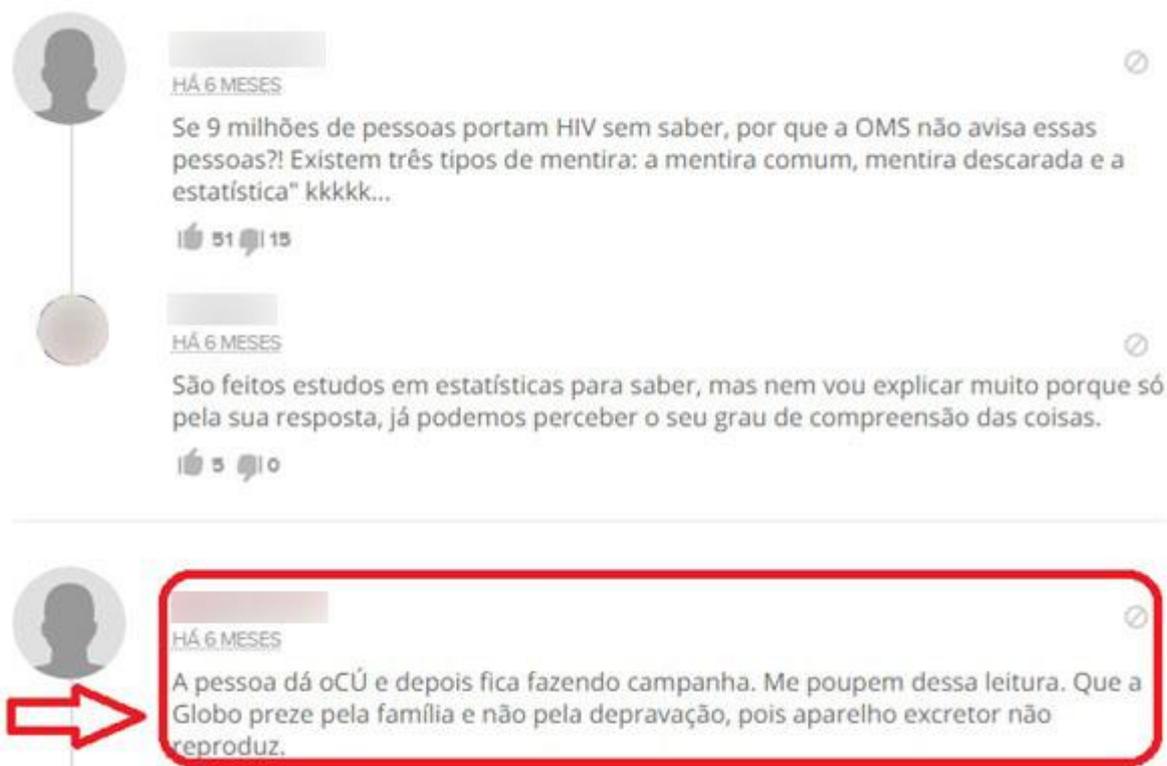
Fonte: <https://g1.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/2018/12/01/mais-de-9-milhoes-de-pessoas-no-mundo-portam-hiv-sem-saber-diz-oms.ghtml>

Dentre os comentários presentes na matéria, gerados por interlocutores que acessaram a notícia, visitantes no site G1, foi destacado o seguinte para a análise, o qual será recortado e, sem seguida, considerado como sequência discursiva 01 (SD01) e como sequência discursiva 02 (SD02):

A pessoa dá oCÚ e depois fica fazendo campanha. Me poupem dessa leitura. Que a Globo preze pela família e não pela depravação, pois aparelho excretor não reproduz. (XXX, 3 curtidas / 14 descurtidas).<sup>9</sup>

<sup>9</sup> O comentário acima foi reproduzido na íntegra sem qualquer alteração no texto original. Mesmo sendo um comentário feito publicamente, decidimos retirar as identificações de autoria.

Figura 2: Print do comentário (print feito em junho de 2019).<sup>10</sup>



Fonte: <https://g1.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/2018/12/01/mais-de-9-milhoes-de-pessoas-no-mundo-portam-hiv-sem-saber-diz-oms.ghtml>.

Cabe salientar que a matéria jornalística em questão traz informações acerca da situação de pessoas que vivem com HIV no mundo e de pessoas que não sabem que são portadoras do vírus. A reportagem fez alusão ao dia de combate ao HIV/Aids destacando a importância de as pessoas conhecerem sua sorologia, tanto é que a campanha de combate ao HIV de 2018 trouxe como *slogan* “Saiba seu status”. Não existe, na notícia nem na campanha, um direcionamento para um grupo específico de pessoas, ou seja, a notícia não retrata o homossexual masculino como principal portador do vírus. Entendemos que a interpretação do autor do comentário, vinculando a IST ao grupo dos homossexuais masculinos, não é estabelecida a partir do texto veiculado pela notícia e pela campanha. Essa interpretação vem de outro lugar, entrando em conflito com o discurso reproduzido pelos textos em questão. A campanha é direcionada para qualquer pessoa, e não somente para os homossexuais masculinos.

Considerando o texto jornalístico, inserido no campo discursivo midiático, como reprodutor do discurso médico-científico, o qual luta para que se considere o HIV/Aids como uma doença controlada e que pode atingir toda e qualquer pessoa, é interessante notar como ainda emergem discursos que se confrontam com o que é reproduzido por um Aparelho Ideológico de Estado como as grandes instituições universitárias, principal local de desenvolvimento de pesquisas científicas. As pesquisas desenvolvidas no campo

<sup>10</sup> Dado o processo dinâmico de funcionamento dos sites de notícias, o comentário em análise pode ter sido excluído pelo usuário ou pela administração do site.

científico da medicina, procuram, cada vez mais, eficiência do tratamento da doença, bem como objetivam encontrar sua cura, e, com isso, desvincular o estereótipo de “portador de vírus” de um certo “grupo de risco”.

Pode-se ponderar que a materialidade histórica do HIV/Aids tem uma relação direta com a homossexualidade, haja vista que, quando do surgimento da doença em meados da década de 1980, o discurso médico-científico da época considerava essa doença específica de indivíduos homossexuais masculinos, porque os primeiros casos registrados de infecção por HIV foram constatados nesse grupo social; e a reprodução desse discurso muitas vezes era amplificada pela mídia de forma que é possível encontrar publicações em jornais e revistas dessa década que alcunharam a doença como “O câncer gay”, conforme apontam Daniel e Parker (1991 apud TERTO JR., 2002, p. 148 [grifos dos autores]): “a doença, recém descoberta, chegou a ser chamada de GRID (Gay Related Immunodeficiency) nos meios científicos e de *câncer gay*, *peste gay* ou *pest rosa* pela imprensa e pela opinião pública”.

Contribuindo com esse funcionamento, o discurso midiático trouxe ao conhecimento o fato de que artistas como Freddie Mercury (05/09/1946 - 24/11/1991) e Cazuza (04/04/1958 - 07/07/1990) vieram a óbito em função da Aids, o que pode ter contribuído para consolidar o discurso de que HIV/Aids era doença de homossexual, uma vez conhecida a orientação sexual desses artistas.

Então, ao se deparar com discursos do tipo “*A pessoa dá oCÚ e depois fica fazendo campanha. Me poupem dessa leitura. Que a Globo preze pela família e não pela depravação, pois aparelho excretor não reproduz*”, pela forma material que atualiza saberes não esquecidos, pode-se presumir o acesso a uma FD conservadora, portanto, dominante, contraposta a uma FD não conservadora. Importante assumir que essa concepção relacionada às formações discursivas se dá a partir da observação do material em análise, e que a forma como as formações discursivas são recortadas cabe a um trabalho do analista em seu processo de descrição e interpretação do *corpus*.

Historicamente e em diferentes espaços, o “Homem” sempre teve/tem destaque hegemônico, pois somos interpelados ideologicamente por meio de discursos em que a figura masculina de orientação heterossexual é idealizada e tida como dominante. Aliado a isso, a FD conservadora possibilitou a emergência de um pré-construído: o de que quem possui HIV/Aids é homossexual masculino, pois os homossexuais, de acordo com essa FD, são responsáveis pela destruição da família, principalmente pela impossibilidade de procriação da espécie humana, e são promíscuos.

Para uma reflexão sobre esse discurso com vista a explorar a noção de pré-construído, procurou-se analisar o primeiro período do comentário, dividindo-o em duas sequências discursivas: (SD1) *A pessoa dá oCÚ*; e (SD2) *e depois fica fazendo campanha*. Analisando linguisticamente a primeira SD do comentário, observa-se:

A pessoa dá oCÚ

Quando do exame das determinativas, Pêcheux ([1975] 1988) expõe que essas orações subordinadas adjetivas são, por excelência, designadoras de um conhecimento anterior e exterior. Considerando o clássico exemplo exposto acima - *Aquele que salvou o mundo morrendo na cruz nunca existiu* -, e comparando-o com o enunciado aqui analisado, formado por uma oração coordenada, propomos uma reconstrução sintática de:

A pessoa dá o cu e depois fica fazendo campanha.

Para:

A pessoa [que dá o cu] depois fica fazendo campanha.

Ou, ainda:

Aquele [que dá o cu] depois fica fazendo campanha.

Levando em consideração os sentidos historicamente atribuídos ao HIV/Aids, enfatizando-se como sendo doença de homossexuais em seu surgimento, em meados de 1980, reproduzidos pelos discursos médico-científico e midiático, e pela condições atuais de produção de discurso sobre HIV/Aids, conforme colocado na matéria jornalística, o discurso do comentário, reagendado aqui pelo encaixe sintático “*que dá o cu*”, faz emergir o pré-construído de que ser portador de HIV e/ou ter desenvolvido Aids diz respeito ao público específico dos homossexuais masculinos. O efeito de pré-construído é materialmente visualizado através do encaixe sintático, sendo esse um efeito do interdiscurso no intradiscurso.

Mesmo que sintaticamente o pré-construído não tenha se materializado por uma oração subordinada, conforme os estudos de Pêcheux ([1975] 1988), a análise em nível de oração coordenada *A pessoa dá o cu e depois fica fazendo campanha* possibilita considerar a existência desse pré-construído, haja vista que o emprego da palavra “pessoa” como núcleo do sujeito do período não designa seu referente, mas o constructo de toda oração coordenada traz o conhecimento externo e anterior (o impensado do pensamento) de que quem pratica sexo anal na condição passiva é alguém homossexual masculino e, portanto, os únicos indivíduos passíveis de contrair o vírus. O sintagma *A pessoa*, ao mesmo tempo em que traça uma indeterminação, tal como um pronome indefinido, também traça uma determinação devido à presença do artigo definido na constituição do sintagma nominal. Em outras palavras, o substantivo “pessoa” figura como um importante indício da indeterminação; contudo, não se trata de *qualquer* pessoa, em função de o sintagma ser composto por um artigo definido, ou seja, é uma pessoa portadora do vírus HIV: *Alguém que porta o vírus HIV*. O curioso é que esse *alguém* é significado como homossexual do sexo masculino passivo. Assim, esquece-se de que a homossexualidade também é característica daquele que exerce a posição “ativa” no ato sexual, considerando que, para alguém *dar o cu*, outro homem deve introduzir o pênis no orifício anal *daquele que dá o cu*. Todo esse processo está costurado intimamente ao funcionamento do pré-construído, como aquilo que é pensado antes, em outro lugar, independentemente, como um efeito do trabalho do esquecimento nº 1. O processo de interpelação ideológica, enquanto um processo inconsciente, remete à prática de Barão de Münchhausen puxando-se pelos cabelos. A evidência do sentido é colocada no intradiscurso e, assim, percebe-se o funcionamento do pré-construído.

Dada a atual condição de produção do discurso médico-científico sobre HIV/Aids que estabelece que não há mais como considerar o vírus/doença como sendo de um grupo específico, o contradiscurso assumido no comentário ocupa um espaço antagônico ao da pauta jornalística, pois reproduz um pré-construído de que HIV/Aids é uma doença de homossexuais masculinos. Nesse sentido, o sujeito portador de HIV/Aids é metaforizado como o sujeito homossexual. Essa operação de metáfora é possível porque, a partir da formação discursiva conservadora, o sujeito homossexual é significado como promíscuo.

Se a operação de comutação do sintagma *portador de HIV/AIDS* ocorresse pelo sintagma *qualquer pessoa*, a identificação se daria com outra formação discursiva, e teríamos, então, um enunciado dividido (COURTINE, 2009): *sujeito homossexual* (substituição possível a partir da formação discursiva conservadora) e *qualquer pessoa* (substituição possível a partir da formação discursiva progressista).

Assim, o portador de HIV/AIDS é significado, pelo sujeito autor do comentário, como um indivíduo desprezado pela sociedade, visto que a segunda SD “*e depois fica fazendo campanha*” pode ser compreendida aqui como algo desnecessário de ser feito, simplesmente pelo fato da marginalização do homossexual masculino ser o único grupo a ter possibilidade de contrair HIV/AIDS, ou seja, não há hipótese de outros grupos sociais – principalmente heterossexuais – serem expostos à infecção por HIV.

### **Considerações finais**

A análise procurou refletir sobre como uma formação discursiva conservadora impede de dar voz a um discurso proveniente de um aparelho ideológico como é o da universidade por meio das pesquisas e estudos científicos sobre o HIV/AIDS.

Além do mais, o estigma construído socialmente sobre a doença, aliado a discursos que enfatizam esse estigma, faz com que a luta por desmistificar a ideia de que o HIV/AIDS não se refere mais a um grupo específico de indivíduos seja difícil, haja vista que os próprios órgãos governamentais, por exemplo, parecem contribuir para que esse preconceito persista, pois, assim como há, de um lado, um movimento discursivo para considerar HIV/AIDS como uma doença controlável e sem riscos, existe, por outro, um discurso que discorre sobre o direito de sigilo da condição sorológica do portador do vírus, sob o argumento de protegê-lo do preconceito da sociedade sobre a doença, conforme exposto no VII item da Declaração dos Direitos Fundamentais da Pessoa Portadora do Vírus da Aids (BOLETIM ABIA, 1989, p. 10):

Ninguém poderá fazer referência à doença de alguém, passada ou futura, ou ao resultado de seus testes para o HIV/aids, sem o consentimento da pessoa envolvida. A privacidade do portador do vírus deverá ser assegurada por todos os serviços médicos e assistenciais.

A Lei nº 12.984, de 2 de junho de 2014, que define o crime de discriminação aos portadores do vírus da imunodeficiência humana (HIV) e doentes de Aids, também textualiza essa proteção da condição sorológica do indivíduo portador do vírus considerando crime uma conduta discriminatória caso alguém divulgue a condição do portador com a intenção de ofender a sua dignidade.

Este trabalho constata que há forças discursivas que funcionam para que coloquem o portador de HIV/AIDS em um lugar marginalizado. Nosso gesto de interpretação apresenta o efeito de sentido de que ser portador de HIV/AIDS é, ainda, estigma, dada a atualização da rede de memória relacionada a essa doença. Essa rede resgata saberes colocados em circulação quando do seu surgimento, em meados da década de 1980, sendo atualizada no comentário do G1 em 2018, focalizando os homossexuais masculinos, ou seja, o discurso médico-científico potencializado pelo discurso midiático fez com que emergisse o pré-construído de que ser portador de HIV é ser homossexual masculino. É

um saber que está circulando na nossa sociedade como se fosse óbvio, natural, e que precisa de muita resistência para que discursos estigmatizantes como este saiam de circulação.

Por fim, consoante a essas inquietações de ordem social, no que diz respeito ao nível linguístico, parece ser possível explorar o fenômeno do pré-construído para além da análise do encaixe sintático das determinativas, considerando-se também a análise desse funcionamento a partir de orações coordenadas e/ou nominalizações, conforme explorado no presente trabalho. A Análise de Discurso é, portanto, um dispositivo teórico e analítico que colabora para a desnaturalização dos efeitos de sentidos evidentes, que circulam na nossa formação social, e, também, pelo seu caráter não só teórico, mas, também, político, questionando elementos constitutivos da formação social que exploram e oprimem os sujeitos nela inseridos.

## Referências

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Lei nº 12.984, de 02 de junho de 2014, que define o crime de discriminação dos portadores do vírus da imunodeficiência humana (HIV) e doentes da aids. **Portal da Legislação**. Brasília, 2014. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2011-2014/2014/Lei/L12984.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2014/Lei/L12984.htm). Acesso em: 29 jul. 2019.

BOLETIM ABIA. Rio de Janeiro: **ABIA**, n.9 , nov. 1989. Disponível em: <http://abi aids.org.br/boletim-abia-9-novembro-1989-2/26493>. Acesso em: 30 mar. 2021.

COURTINE, J.-J. **Análise do discurso político**: o discurso comunista endereçado aos cristãos. São Carlos: EdUFSCar, 2009.

GATTI, M. A.; MENDONÇA, V. M. O estereótipo e a necessidade de (contra)dizer em tempos de conservadorismo político-religioso. **Laplage em Revista (Sorocaba)**, vol. 4, n. 1, jan.-abr. 2018, p. 81-91.

HAROCHE, C.; PÊCHEUX, M.; HENRY, P. A semântica e o corte saussuriano: língua, linguagem, discurso. *In*: BARONAS, R. L. (Org.) **Análise do discurso**: apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva. São Carlos: Pedro & João Editores, 2007, p. 13-31.

HENRY, P. Os fundamentos teóricos da ‘Análise Automática do Discurso’ de Michel Pêcheux (1969) *In*: GADET, F.; HAK, T. (Orgs.) **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Tradução de Bethania S. Mariani [*et al.*]. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.

INDURSKY, F.. A memória na cena do discurso. *In*: INDURSKY, Freda; MITTMANN, Solange; FERREIRA, Maria Cristina Leandro. (Orgs.) **Memória e história na/da Análise do Discurso**. Campinas: Mercado de Letras, 2011b, p. 67-90.

MAIS de 9 milhões de pessoas no mundo portam HIV sem saber, diz OMS. **G1**, 1 fev. 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/2018/12/01/mais-de-9-milhoes-de-pessoas-no-mundo-portam-hiv-sem-saber-diz-oms.ghtml>. Acesso em: 04 jun. 2019.

MALDIDIER, D. **A inquietação do discurso** – (Re)ler Michel Pêcheux hoje. Tradução de Eni Orlandi. Campinas: Pontes, 2003.

MINISTÉRIO DA SAÚDE (BR). Departamento de Condições Crônicas e Infecções Sexualmente Transmissíveis. O que é HIV. *In: Público Geral*. Disponível em: <http://www.aids.gov.br/pt-br/publico-geral/o-que-e-hiv>. Acesso em: 29 jul. 2019.

MINISTÉRIO DA SAÚDE (BR). Departamento de Condições Crônicas e Infecções Sexualmente Transmissíveis. Direito das PVHIV. *In: Público Geral*. Disponível em: <http://www.aids.gov.br/pt-br/publico-geral/direitos-das-pvha>. Acesso em: 29 jul. 2019.

PAVAN, P. D.; GALVÃO, A. N. Da produtividade do conceito de pré-construído e seus diferentes modos de funcionamento: uma abordagem teórico-analítica. **Linguagem em (Dis)curso** – LemD, Tubarão, SC, v. 19, n. 1, p. 173-191, jan./abr. 2019.

PÊCHEUX, M. **Semântica e Discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas: Editora da Unicamp, 1988.

PÊCHEUX, M. A Análise de Discurso: três épocas (1983). *In: GADET, F.; HAK, T. (Orgs.) Por uma Análise Automática do Discurso*: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 3.ed. Tradução de Bethânia Mariani *et al.* Campinas: Editora da Unicamp, 1997, p. 311-319.

PÊCHEUX, M; FUCHS, C. A propósito da Análise Automática do Discurso: atualização e perspectivas (1975). *In: GADET, F.; HAK, T. (Orgs.) Por uma Análise Automática do Discurso*: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 3.ed. Tradução de Bethânia Mariani *et al.* Campinas: Editora da Unicamp, 1997, p. 163-252.

PÊCHEUX, M. Papel da memória. *In: ACHARD, P.; DAVALLON, J.; DURAND, J-L.; PÊCHEUX, M.; ORLANDI, E. Papel da memória*. 2.ed. Campinas: Pontes, 2007.

RADDE, A. **Metáforas de vida e de morte**: o corpo rebelde da AIDS nos discursos de e sobre a saúde pública no Brasil. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, 2019.

SOARES, A. S. F. **A homossexualidade e a AIDS no imaginário de revistas semanais (1985-1990)**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2019.

TEIXEIRA, M. O “sujeito” é o “outro”? Uma reflexão sobre o apelo de Pêcheux à psicanálise. **Letras de Hoje**. Porto Alegre, v. 32, n. 1, p. 61-88, março de 1997.

TERTO JR, V. Homossexualidade e Saúde: desafios para a terceira década de epidemia de HIV/Aids. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 8, n. 17, p. 147-158, junho de 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ha/v8n17/19080.pdf>. Acesso em: 23 fev. 2019.

UNAIDS, Brasil. Existe Cura para o HIV? *In: Informações Básicas*. Disponível em: <https://unaids.org.br/informacoes-basicas/>. Acesso em: 29 jul. 2019.